

**DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL LOCAL NA DINÂMICA DA FEIRA
AGROECOLÓGICA RAÍZES DO CAMPO**

**LOCAL SUSTAINABLE DEVELOPMENT IN THE DYNAMICS OF THE
AGRICULTURAL FAIR RAÍZES DO CAMPO**

Matheus Rodrigues Moreira
Instituto de Geociências/UFMG
matheusarrarai@gmail.com

Virgínia de Lima Palhares
Instituto de Geociências/UFMG
palhares.vi@gmail.com

**GT03 – As Feiras e Outras Formas Alternativas de Abastecimento como Espaço de
Comercialização dos Alimentos**

RESUMO

As dimensões do desenvolvimento sustentável alcançam aspectos políticos, econômicos e socioculturais da sociedade. Buscamos, então, discutir o desenvolvimento sustentável a partir de uma feira livre agroecológica, defendendo, primeiramente, a eficácia da sustentabilidade através de sua escala local. Em seguida, trazemos a importância da identidade cultural, da agroecologia e da economia solidária para se alcançar esse desenvolvimento. Como objetivos específicos, propusemo-nos a identificar desdobramentos de desenvolvimento sustentável e de base local na feira livre Raízes do Campo, localizada no município de Jaboticatubas, Região Metropolitana de Belo Horizonte. Constatamos a feira como um caminho para o desenvolvimento local e sustentável, e sua importância na realidade econômica e sociocultural na vida do pequeno agricultor.

Palavras-chave: Desenvolvimento local e sustentável; Feira livre; Agroecologia; Economia solidária.

ABSTRACT

The dimensions of sustainable development reach political, economic and sociocultural aspects of society. We then seek to discuss sustainable development from an agro-ecological free trade fair, firstly advocating the effectiveness of sustainability through its local scale. Next, we bring the importance of cultural identity, agroecology and solidarity economy to achieve this development. As specific objectives, we set out to identify sustainable development and local-based developments at the Raízes do Campo fair, located in the municipality of Jaboticatubas, Metropolitan Region of Belo Horizonte. We see the fair as a path to local and sustainable development, and its importance in the economic and socio-cultural reality in the life of the small farmer.

Keywords: Local and sustainable development; Free fair; Agroecology; Supportive economy.

INTRODUÇÃO

Discutir desenvolvimento sustentável é se aventurar na construção de um conceito que desde a década de 1980 é 'protagonista' de debates culturais, ambientais, sociais e econômicos.

Partindo do entendimento pautado na preservação dos recursos naturais para que se mantenham para as gerações futuras, atualmente, o conceito de desenvolvimento sustentável é complexo, alcançando definições em quatro esferas do saber: esferas cultural, política, econômica e ambiental. O desenvolvimento sustentável na esfera cultural, alia-se à valorização do conhecimento e saber humano e à luta contra a miséria e a pobreza; na esfera política, visa a participação popular nas discussões de políticas públicas e na luta pela soberania popular; na esfera econômica, busca economias alternativas que valorizem e alcancem a população, assim como, também, modelos econômicos sustentáveis; e na esfera ambiental, desenvolve uma relação solidária entre os diversos seres que estão e são do ambiente.

Buscamos, neste trabalho, discutir desenvolvimento sustentável intrinsecamente ligado ao desenvolvimento local. Entendemos que a partir da escala local é possível surgir uma teia de possibilidades, práticas e saberes que alcancem o conhecimento e a dinâmica de vida de uma população. Estas possibilidades podem ser incluídas nas discussões sobre o desenvolvimento sustentável, tendo, portanto, como base, a realidade de vida da população municipal e das demais dinâmicas de seu território como as relações econômicas, sua localização geográfica, sua cultura, entre outros aspectos que singularizam o município.

Esse trabalho foi desenvolvido com agricultoras e agricultores da Feira Agroecológica Raízes do Campo, no município de Jaboticatubas-MG, a fim de traçar caminhos e possibilidades para um desenvolvimento sustentável e de base local. Optamos, como percurso metodológico, pela realização de trabalhos de campo na feira para obter informações acerca da produção e da realidade da vida dos feirantes através da observação e da escuta de feirantes dispostos a compartilhar de nossas indagações. As conversas tiveram como pontos norteadores, identificar a produção e a comercialização dos agricultores; os locais onde eram vendidos seus produtos, além da feira; o tempo de participação na feira, a comunidade de origem; o destino dos produtos remanescentes da feira. Para as discussões teóricas, buscamos na literatura autores para nos apoiar na construção e compreensão de

conceitos-chave como desenvolvimento sustentável, desenvolvimento local, agroecologia e economia solidária.

Esse trabalho deriva da primeira etapa do projeto de extensão “Ações de sustentabilidade na feira agroecológica Raízes do Campo, município de Jaboticatubas-MG”. Tem como objetivos principais construir um calendário sazonal dos alimentos cultivados pelos feirantes, assim como cartilhas e materiais de catalogação, divulgação e para o acervo da associação que contenham informações sobre os feirantes, os produtos e a história da construção da Feira Raízes do Campo.

A feira desdobra inúmeras possibilidades culturais, humanas e econômicas e resgata saberes e práticas que tantas vezes se perdem, ou são inviáveis para outras realidades. Estes saberes se materializam desde a forte (re)existência das formas de economia familiar, solidária, costurando no espaço vivido da Raízes do Campo os delineamentos de uma comunidade, até o incentivo a um desenvolvimento de base local e sustentável, na valorização do povo, de seu *saber fazer*.

CONSTURANDO CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL E SUSTENTÁVEL

A sustentabilidade está relacionada a uma redefinição de valores e padrões de desenvolvimento capazes de inibir o crescimento demográfico e o consumo. Neste aspecto, a sustentabilidade requer o uso sustentável dos recursos, a promoção do desenvolvimento econômico sustentável no qual cada indivíduo deve ser um agente gestor capaz de identificar sua responsabilidade enquanto um ser social.

O discurso da sustentabilidade surgiu em substituição ao discurso do desenvolvimento econômico produzido pelos países desenvolvidos. O primeiro buscava responder às críticas ao desenvolvimento econômico feitas pelo movimento ambientalista iniciado na Alemanha. Havia também reivindicações sobre a inclusão da questão ambiental na pauta de prioridades das políticas da contemporaneidade. Houve esforços em conciliar o crescimento econômico e a participação da sociedade em um projeto emancipatório que se dizia sustentável, voltado para o mercado. “É o desencadeamento de um mundo tecnologizado para deixar falar ao ser silenciado pela objetivação de um mundo calculado.” (LEFF, 2000, p.11).



A sustentabilidade encontra motivos para se fortalecer “(...) no pensamento e no saber; nas identidades e sentidos que mobilizam a reconstrução do mundo.” (LEFF, 2000, p. 11). Entretanto, para desenvolver uma democracia mais participativa seria necessário estabelecer políticas na horizontalidade de modo que as pessoas tivessem acesso aos direitos sociais básicos. Mas como atingir este objetivo em uma sociedade dividida pela desigualdade? É necessário que as pessoas desenvolvam o espírito de solidariedade e que o setor econômico seja capaz de se sujeitar especialmente aos interesses da sociedade. É preciso pensar, primeiramente, em um projeto de sustentabilidade de médio e longo prazo, no qual poderá ser possível consolidar as oportunidades oferecidas à sociedade.

Tem-se clareza que a ética é o meio pelo qual o desenvolvimento sustentável tornar-se-á um processo de transformação da sociedade, de um modo geral, capaz de compatibilizar um tripé representado pela economia, pela sociedade e pelo ambiente. Para que esta ideia se torne real, a escala local é a mais indicada para iniciar este processo, porque ela carrega a força da identidade construída através dos laços estabelecidos entre as pessoas. Esta escala é, portanto, potencialmente libertária e autônoma, onde as articulações ocorrem no âmbito político. As pessoas, juntas, em sua cotidianidade, se transformam em busca do bem estar social. Assim, “de um ponto de vista econômico, pode-se verificar o surgimento de estratégias de desenvolvimento mais ‘endógenas’, centradas nas características e implicações dos atores locais.” (FROEHLICH, 1998, p.9). É um desenvolvimento, portanto, que ocorre de dentro para fora e na escala horizontal, que se assume por novos protagonistas que extrapolam o Estado. Ele representa uma transformação sobretudo na articulação social do local explorando suas potencialidades.

Entendemos a importância da escala local para a validade e garantia de um desenvolvimento sustentável capaz de colocar em primeiro plano, a realidade de vida das pessoas. Essa trama sociocultural da população revela diversas possibilidades de articulação para o um crescimento social e sustentável.

Na escala local se desenvolvem ideias, práticas e propostas criativas para uma relação social, para o uso dos recursos disponíveis e de suas potencialidades e para a edificação de uma cultura fundamentada nas características topológicas e no conhecimento das dinâmicas que estão ao alcance da população. A cultura está relacionada ao ato de cultivar



a terra; é preciso partir, então, dessa Terra representada pelo mundo vivido de cada membro da sociedade.

Aqui, a cultura ultrapassa as convenções tradicionais relacionadas apenas às práticas, rituais e saberes específicos, ligados, tantas vezes, à natureza étnico-religiosa e a manifestações artísticas. A cultura desenvolve-se na compreensão da vivência humana como um todo, de suas atividades ordinárias, na construção de relações comunitárias e de seus saberes, enfim, sobre todos os aspectos que constituem a realidade concreta. É através da cultura que o homem se coloca no mundo, disposto a construir e habitar a terra.

Essa ideia de cultura ampara-se na Declaração do México sobre Políticas Culturais – Conferência Mundial da UNESCO. A partir dessa declaração, as interações entre cultura e desenvolvimento sustentável são ampliadas, entendendo-se a ampla necessidade da sua valorização para alcançar um desenvolvimento que reconheça a importância dos saberes populares, que preze a realidade social da população e acarrete em seu crescimento econômico, mas, principalmente humano. O documento ressalta a cultura

como um conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além das outras artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. (...) Através dela o homem se expressa, toma consciência de si mesmo, se reconhece como um projeto inacabado, põe em questão as suas próprias realizações, procura incansavelmente novas significações e cria obras que o transcendem. (IPHAN, 1985, p.1).

Um desenvolvimento pensado na base local, partindo da realidade concreta do cotidiano dos grupos sociais, é capaz de responder, restabelecer e diminuir as demandas e precariedades da população. Além de trazer o cidadão para o protagonismo dos planos de desenvolvimento, esse modelo protege seus conhecimentos e seus modos de vida, onde "o homem (*mulher*) é o princípio e o fim do desenvolvimento." (IPHAN, 1985, p. 3).

A AGROECOLOGIA: A COSTURA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL LOCAL

Pensamos desenvolvimento sustentável e de base local a partir de uma feira livre agroecológica. Ressaltamos a importância da valorização cultural dentro desse modelo de desenvolvimento. A feira livre é composta pela manifestação de saberes, práticas,



conhecimentos adquiridos durante as atividades cotidianas e, também, passadas de geração em geração, que fazem parte da construção identitária local. Discutimos, também, um desenvolvimento pautado na agroecologia na qual podem ser criadas estratégias de desenvolvimento sustentável de base local.

Buscamos, então, o manejo agrícola fundamentado em práticas ecológicas e na preservação do solo e dos recursos naturais disponíveis, além de um caminho que estabeleça relações com os saberes tradicionais, criando, solidariamente, vias de emancipação social, política e econômica. Enfim, defendemos a economia solidária para construir esse caminho, estabelecendo, de maneira mais eficaz, a integração e o diálogo entre os diversos agentes que compõem uma comunidade. Apesar da persistência do processo de modernização, “as comunidades locais geraram múltiplos mecanismos de resistência para sobreviver a um contexto fortemente hostil à natureza de suas relações, tanto das relações entre as pessoas como das pessoas com os recursos naturais.” (GUZMANN, 2001, p.36). Por isso, a utilização do conhecimento local relacionado a sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais é uma resposta à racionalidade do modelo desenvolvimentista contemporâneo.

Desse modo, investigamos uma feira livre de produtos cultivados por pequenos agricultores, principalmente no âmbito familiar. Logo, a agroecologia desponta como um dos meios para que se estabeleça a valorização da realidade cultural do agricultor, a preservação ambiental através do manejo ecológico do solo e da interação mais ativa com os sistemas naturais. Além disso, proporciona uma formação político-social, agindo, principalmente, como um saber emancipatório, cujo cerne é a valorização do saber do sujeito, dialogando com o conhecimento técnico-científico. Busca-se, então, construir um saber-conhecimento que proporcione a abertura para uma leitura de mundo mais ampla, dando ao sujeito o entendimento de protagonista de sua própria vida, de agente importante e crucial para a rede social (ARAÚJO, 2007).

A agroecologia, "abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo" (ALTIEIRI, 2004, p. 23) é um caminho de maior integração com os recursos naturais e valorização e respeito à biodiversidade e aos processos naturais locais.

Enquanto prática agrícola, a agroecologia é a que mais se aproxima da realidade do pequeno agricultor e do manejo agrícola familiar. O manejo agroecológico é executado privilegiando as singularidades do solo, entendendo-o como um organismo vivo, repleto de nutrientes e minerais, além de estar relacionado a outros fatores bióticos e abióticos, como precipitação, hidrografia e cobertura vegetal. A valorização da biodiversidade local e a utilização desses recursos para garantir a qualidade do solo, além de respeitá-lo, com o plantio de espécies que possuem uma grande interação com o solo, sem a necessidade de correções e utilização de insumos químicos, são benefícios do manejo ecológico do solo. Tudo isso proporciona um manejo mais ativo, de atuação mais direta do agricultor, além de prezar a utilização de recursos que já compõem o ambiente.

A agroecologia constituiu-se em um saber emancipatório na realidade dos agricultores, à medida que valoriza os saberes tradicionais em relação ao manejo do solo, assim como uma produção de caráter familiar e diversificada, que possui como primeiro objetivo, o sustento da família, além da integração dos agricultores com seu ambiente local. Arelado a isso, propõe e discute a inserção de tecnologias sustentáveis, aprimoramento do conhecimento técnico sobre as características do solo, e dos ciclos das plantas. O manejo ecológico do solo visa uma agricultura preventiva, na valorização de um solo vivo, e não de combate, tantas vezes agressivos, as deficiências do solo e os possíveis problemas com pragas, como é o caso da agricultura convencional (PRIMAVESI, 2016).

A utilização completa e sustentável da potencialidade da terra, sem a necessidade de utilização de processos químicos, caros e danosos ao produtor e ao consumidor, proporciona novas direções para a seguridade alimentar da população e a preservação ambiental, sem a contaminação química. Sobre olhares e práticas, o agricultor, em uma maior compreensão dos processos do solo, passa a observar, pensar e experimentar, e se coloca como produtor de alimentos junto à natureza (PRIMAVESI, 2008).

Através da agroecologia alcança-se a união de saberes que entrelaçam às vivências, construções ordinárias de mundo, e o conhecimento popular sobre a terra aos outros olhares sobre o uso do solo, métodos e técnicas alternativas que valorizam a sua constituição e composição. Através de um plantio sustentável, promove-se o respeito à natureza, além de potencializar a capacidade de produção do solo, visto a valorização de seus organismos, nutrientes e composição.

A agroecologia é terra, instrumento e alma da produção, onde se plantam novas sementes do saber e do conhecimento, onde enraíza o saber no ser e na terra; é o caldeirão onde se amalgamam saberes e conhecimentos, ciências, tecnologias e práticas, artes e ofícios no forjamento de um novo paradigma produtivo. (LEFF, 2002, p.37).

Nesse mesmo caminho entendemos a importância da economia solidária como prática econômica essencial para fortalecer o desenvolvimento local e sustentável. Valorizando a produção local, a economia solidária fortalece e estimula a identidade cultural da sociedade, manifestada na expressão artística, nos artesanatos, nos alimentos, nos métodos de organização e interação populares, fruto do saber particular. Desse modo, é possível garantir a presença e a manutenção da cultura e da identidade local no município, ameaçadas, muitas vezes, pela inserção desenfreada de práticas que não correspondem com as dinâmicas locais.

Singer (2001) ressalta o caráter social, justo e integrador da economia solidária. Existe um maior controle dos meios de produção, das mudanças e alterações quanto ao custo. Garantem-se, também, ganhos na escala local, visto que tanto a produção, quanto a comercialização são estabelecidas nesse território. Pensamos que, através da economia solidária, seja possível

desenhar estratégias de desenvolvimento que assegurem a todos a inclusão social pelo trabalho decente atuando simultaneamente sobre as taxas de crescimento econômico e os coeficientes de elasticidade de emprego/crescimento. (SACHS, 2004, p. 25).

A feira livre nos revela, através da identidade cultural, agroecologia e da economia solidária, possibilidades de construção e estruturação para um desenvolvimento sustentável e de base local. Um desenvolvimento que valorize a participação de todos nos processos políticos, sociais, econômicos e culturais de uma sociedade; que busque dar prioridade para a produção e para os saberes locais; que integre as diversas áreas do conhecimento, partindo do tradicional e buscando novos caminhos dentro dos avanços tecnológicos, a fim de trazer melhorias e avanços para a dinâmica local; que garanta os direitos de todos e todas, a igualdade de gênero, respeito a culturas de religiões e etnias diferentes, proporcionando também, acesso a educação, cultura e lazer a todos os grupos que compõem a sociedade.



A EXPERIÊNCIA DA FEIRA LIVRE AGROECOLÓGICA RAÍZES DO CAMPO

Há três anos, a feira agroecológica Raízes do Campo ocupa, quinzenalmente, a Praça Nossa Senhora da Conceição em Jaboticatubas, município da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Agricultores, técnicos, artesãos, pequenos produtores rurais, assim como consumidores e moradores do município e da região, transformam o espaço da feira em um lugar de interações e trocas, cheio de valores e significados. Na praça, para muitos desconhecida e sem significado, brota um centro de atração repleto de singularidades, símbolos e histórias. A feira livre, em suas diversas dinâmicas, ressignifica espaços em Jaboticatubas.

Em 2012 iniciaram-se os primeiros trabalhos de campo no município, através de uma iniciativa da associação Amanu – Educação, Ecologia e Solidariedade. O objetivo era traçar a realidade da agricultura e dos agricultores das comunidades rurais de Jaboticatubas, na dinâmica local. Através desse diagnóstico, foi constatada a dificuldade de comercialização da produção por meio da Central de Abastecimento de Minas Gerais S/A (Ceasa Minas). Os modelos de venda e distribuição da Ceasa Minas não atendiam, de forma eficiente, uma produção diversificada e de pequena escala. Além disso, a morosidade do sistema público, assim como a dificuldade de acesso à informação de moradores da zona rural, acarretaram a fraca abrangência de políticas públicas aos agricultores da região. Dessa forma, com problemas também para estabelecer uma comercialização mais eficiente, os agricultores tinham a dificuldade de aumentar a produção e, por consequência, permanecerem na zona rural.

Identificamos práticas ecológicas em algumas produções, como o uso de adubos e compostos orgânicos e técnicas de plantio alternativo, assim como o interesse de diversos agricultores em conhecer e aprimorar técnicas de manejo ecológico do solo. Iniciaram-se reuniões e debates a fim de encontrar formas de melhorar a produção e buscar uma comercialização cuja relação entre o produtor e o consumidor fosse direta. Pensando em uma forma de comercialização que valorizasse o contato e trocas entre os agricultores e os consumidores, a feira livre foi escolhida pelos agricultores e pelos técnicos, como espaço para comercializar os produtos.

As feiras livres, como espaços públicos, são amplamente democráticas. Todos possuem o direito de voz, de se expressar e revelar sua cultura e seus saberes, de expor seu



conhecimento, seja por meio dos produtos vendidos, ou das prosas que se relacionam. O povo, mulheres e homens comuns, são os verdadeiros protagonistas dessa manifestação cultural. "Todos têm acesso à feira" (BRAUDEL, 1998, p. 72), todos alcançam esse mundo e podem ser construtores de sua estrutura, de seu tempo. Acolhe, envolve, convida. A comunidade se coloca como grande responsável pela construção social local, participando diretamente de processos culturais, econômicos e políticos, assim como na luta por direitos e emancipação humana.

O aspecto cultural da feira surge, não apenas, dos diversos saberes populares que encharcam os produtos comercializados pelos feirantes, mas também das histórias e vivências de cada produtor presente nesse espaço. A cultura se manifesta do tempo da feira, mais humano, demorado, prezando as relações sociais e construído através da identidade de cada um. É uma grande celebração, como revela o termo em latim, que originou a palavra portuguesa feira, *feriae*, que significa dia de festa, dia santo, feriado (CUNHA, 1992). Pensar o desenvolvimento sustentável e de base local nesse ambiente, é valorizar o estilo de vida da comunidade, sua identidade cultural e seus saberes, e construir novos caminhos a partir dessa experiência humana que integra a todos, respeita os diversos conhecimentos e parte do ordinário de cada cidadão.

Atualmente, a feira é formada por agricultores familiares de quinze comunidades do município de Jaboticatubas - Capão do Berto, Espada, Xirú, Almeida, Barreiro, Capão do Sapé, Mato do Tição, Jardim das Oliveiras, Paciência, Maré Mansa, Sede, Capão Grosso, Vila de Santa Rita, Santo Antônio da Palma, São José da Serra, assim como moradores da cidade de Jaboticatubas. Das diversas produções, destacam-se, principalmente, as oriundas da agricultura familiar, da coleta de frutos do cerrado, da indústria doméstica e do artesanato.

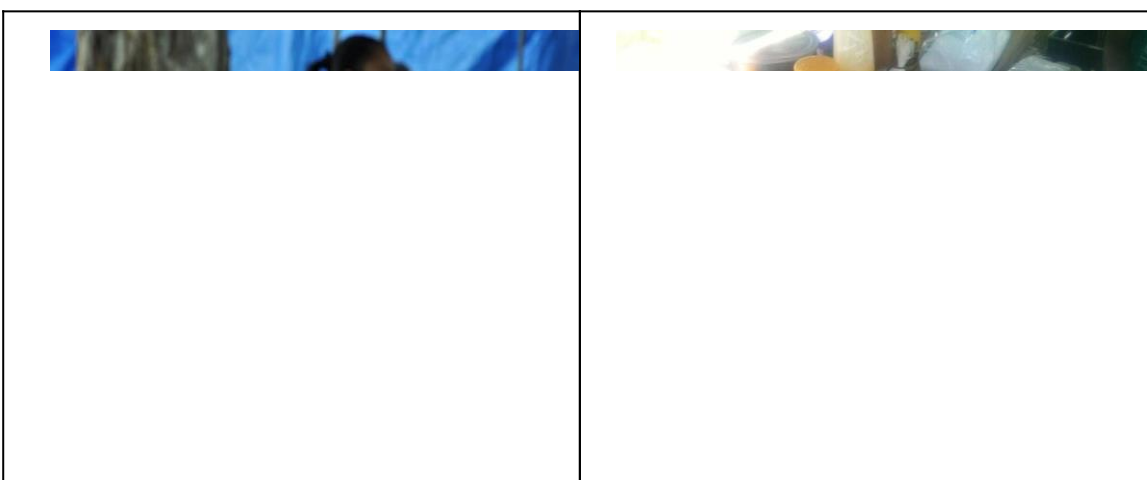
Identificamos na feira diversos alimentos oriundos da agricultura familiar, entre os quais: alho, cebola, carambola, abobrinha, mangaba, feijão de corda, arroz vermelho, manga, alface, couve, diversas ervas medicinais, mamão, berinjela, maxixe, limão, rúcula, almeirão, banana, laranja, coentro, vagem, mandioca, coco, amendoim, beterraba, rabanete, jaboticaba, cenoura, quiabo, pimenta, semente de urucum, tomate cereja, entre outros que compõem a produção dos agricultores. (Figuras 01).



Figuras 01 e 02 - Produtos comercializados na Feira Raízes do Campo - 2016

Fonte: Associação AMANU

Há, também, a presença dos produtos oriundos da indústria doméstica e da coleta de frutos do cerrado, como o coco macaúba e o jatobá. Entre as produções, destacam-se as medicinais, as garrafadas, sabonetes e óleos essenciais, conservas de maxixe, cenoura e bambu, melados de cana, rapadura, doce de leite pastoso e com coco, doce de mamão, temperos - misturas de coentro, salsa, hortelã, alho, manjericão. Dentre as quitandas oferecidas, destacam-se a rosca de nata e os biscoitos de polvilho, além de laticínios - queijo, manteiga, requeijão - e embutidos - linguiça de porco, frango e chouriço. Do coco macaúba é extraído o óleo, vendido na feira e utilizado na fabricação de diversas quitandas. Do Jatobá é vendido o fruto, além da fabricação de farinha para a preparação de bolos. (Figura 03 e 04).



Figuras 03 e 04 - Produtos comercializados na Feira Raízes do Campo - 2016

Fonte: associação AMANU

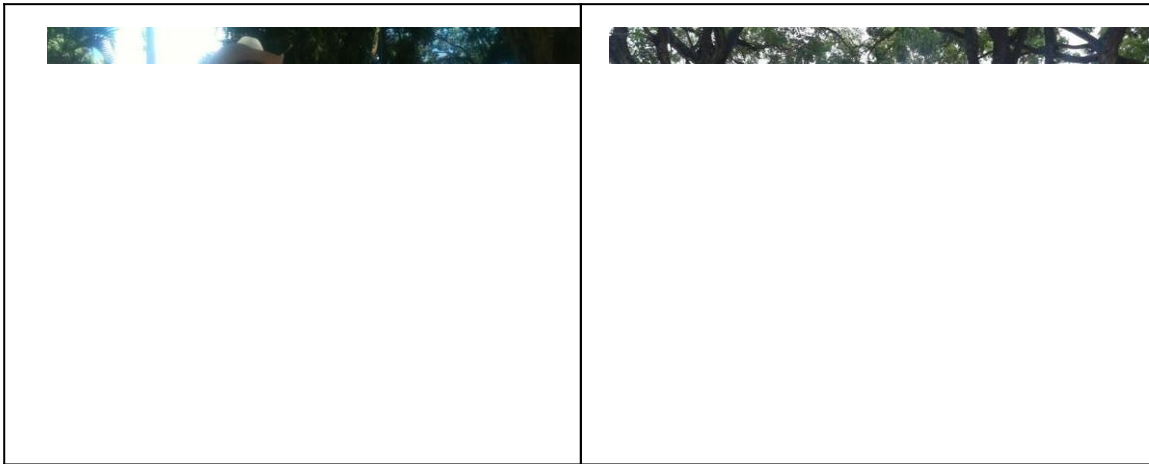
Há uma recorrente diminuição da diversidade da produção causada por uma homogeneização dos hábitos alimentares, assim como perda do consumo de espécies nativas e em seu tempo próprio de coleta, ocasionando uma mudança cultural alimentar, e o aumento de insumos químicos e, por consequência, uma contínua contaminação da produção. Esses processos levam a uma aculturação topológica, uma perda de significados dos processos e movimentos locais. A feira Raízes do Campo caminha no sentido contrário a esse processo, valorizando a cultura e os saberes tradicionais, buscando a manutenção da produção rural familiar, as práticas do cotidiano que permeiam esse espaço. Uma das principais mudanças verificadas com o uso de agrotóxicos e agroquímicos na agricultura é a produção de determinados alimentos durante todos os períodos do ano, ainda que não seja o período específico e propício para o plantio. Além dos perigos e danos causados pelo consumo de produtos cultivados com a presença desses insumos químicos, readequar a alimentação a partir dos ciclos e das dinâmicas naturais do meio, é respeitar e valorizar os processos ambientais, sem agredi-lo e destruí-los com correções e uso de substâncias degradantes.

Diversas barracas são regidas por grupos familiares. São agricultores que vivem da terra, utilizam sua 'produção' para o consumo próprio, consomem e vendem aquilo que plantam; aquilo que brota das mãos partilhadas de uma família. A economia familiar é um caminho para um maior repouso dos saberes e práticas tradicionais, além de ser, também, propício para a propagação desses conhecimentos. A feira abre espaço para a inserção de produtos familiares dentro da dinâmica da cidade.

Redesenham-se as formas de relações sociais existentes na comunidade. Através do contato eficiente entre o produtor e o consumidor, estabelece-se uma rede de economia solidária, que ultrapassa as questões de consumo e as dinâmicas econômicas. Envolve uma pluralidade de descobertas e de valorização do saber fazer, de uma aproximação maior com os aspectos culturais da alimentação, técnicas, conhecimentos tradicionais, receitas, histórias, além de uma compreensão do processo de produção e plantio dos alimentos e produtos.

Outras maneiras de formação e (re)construção das relações sociais são os momentos, de lazer e de performances culturais da feira livre Raízes do Campo. A feira conta com espaços para realização de diálogos e rodas de conversa que buscam discutir os temas que envolvem a dinâmica da feira, seguridade alimentar, valorização cultural, práticas ecológicas e sustentáveis de consumo e produção, assim como outros aspectos importantes

nas transformações sociais do município, ou em escalas maiores como o estado e o país, por exemplo, questões de caráter político. (Figura 05). A troca de saberes, é, também, estabelecida pelas oficinas ministradas por artesões, culinaristas, horticultores, agricultores, professores e alunos de instituições de ensino e sociais. Em um caráter pedagógico, as rodas de conversas e as oficinas buscam construir novos traços na comunidade, promovendo uma maior cooperação e ligação entre os sujeitos, na formação social, ética, política e social, de integração entre os diversos saberes presentes, visando um desenvolvimento econômico, social e comunitário (Figura 06). A comunidade caminha na valorização da economia local e, portanto, no reconhecimento das potencialidades, riquezas e diversidade social e econômica da própria comunidade e, por consequência, dos sujeitos que a constituem.



Figuras 05 e 06 - Atividades recreativas, pedagógicas e oficinas realizadas na feira
Fonte: Associação AMANU

A feira Raízes do Campo é um espaço em transformação, marcada pela constante adesão de novos feirantes, o aumento de diferentes parcerias, a inserção em circuitos culturais de feiras tradicionais na região Metropolitana de Belo Horizonte, assim como em encontros na região da Serra do Cipó. A feira Raízes do Campo emerge, também, como espaço de diálogos e discussões na produção de conhecimento, integração social e cultural, para o aperfeiçoamento e a descoberta de outras técnicas de plantio e de manejo do solo, e práticas sustentáveis de desenvolvimento e economia . As relações horizontais e diretas possibilitam aos agricultores e consumidores acompanhar essas mudanças, e estruturar as dinâmicas da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível ver a feira livre como uma possibilidade de desenvolvimento sustentável e de base local. Sua dinâmica agrega valores sociais e culturais para um desenvolvimento econômico que reconheça os agentes locais e as características naturais de produção do município, além de possibilitar a inserção de todos os munícipes nos processos políticos, culturais e sociais. A feira Raízes do Campo tem atuado como um centro de integração dos diversos saberes e vivências do município de Jaboticatubas, costurando e construindo novos conhecimentos, culturas, e auxiliando no desenvolvimento social e econômico de maneira popular.

Através da feira livre, manifesta-se a resistência e a transmissão dos saberes e conhecimentos presentes no espaço de vida do pequeno agricultor familiar, das manifestações que envolvem o universo do rural, que muitas vezes se perdem pela pressão do urbano em seus limites. A valorização da cultura do pequeno agricultor promove a inserção de suas vivências na construção contínua do município, e na busca por um desenvolvimento rural que respeite as características singulares desse espaço, e não atropele o ciclo de dinâmicas e os próprios anseios dos moradores.

Nos aspectos econômicos, temos uma forma de complementação da renda dos agricultores, em um ciclo de vendas curto e direto, o que possibilita uma relação aberta e retilínea entre o produtor e o consumidor, sem a necessidade da presença de intermediários. Torna-se, portanto, o lugar de trocas diretas e confiáveis, onde o consumidor conhece a história, as práticas, os métodos, e demais componentes utilizados na produção e plantio do alimento, além de valorizar e reconhecer o trabalho do agricultor.

Destacamos, enfim, a ampla necessidade do envolvimento do poder público local, percebendo e valorizando outras formas de desenvolvimento, amparados na sustentabilidade, na valorização cultural e social do município, prezando pela emancipação humana dos munícipes. Como consequência, poderá haver a inserção de políticas públicas para o fortalecimento e auxílio dessas práticas.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. – 4.ed. – Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.

ARAÚJO, Maria Luiza Grossi. **Ciência, fenomenologia e hermenêutica - Diálogos da Geografia para os saberes emancipatórios**. 2007. 228f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

BRAUDEL, Fernand. O jogo das trocas. **Civilização material, economia e capitalismo: século XV-XVIII**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

FROEHLICH, José Marcos. O “local” na atribuição de sentido ao desenvolvimento. In: **Revista paranaense de desenvolvimento**. n. 94, ma/dez 1998, Curitiba. p. 87-96.

GUZMÁN, Eduardo Sevilha. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. In: **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. v.2, n.1, jan./mar. 2001, Porto Alegre. p. 35-45.

IPHAN. **Declaração do México sobre as políticas públicas culturais**. 1985. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf> . Acessado em 22/02/2017.

LEFF, Enrique. Tempo de sustentabilidade. In: **Ambiente & Sociedade**. Ano III, nº 6/7, Campinas-SP, jan./jun. 2000.

_____. Agroecologia e saber ambiental. In: **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre, v. 3, n.1, jan/mar. 2002. p.36-51.

PRIMAVESI, A. M. Agroecologia e manejo do solo. In: **Agriculturas**. v.5, n. 3, set. 2008. p. 7-10.

_____. **Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio**. 2ed. rev. São Paulo: Editora Expressão Popular. 2016.

SACHS, Ignacy. Inclusão social pelo trabalho decente: oportunidades, obstáculos, políticas públicas. In: **Estudos avançados**. v.18 n. 51, São Paulo mai/ago. 2004. p. 23-49

SINGER, Paul. Economia solidária *versus* economia capitalista. In: **Sociedade e estado**. v.16 n.1-2 Brasília, jun/dez. 2001. p. 100-112.